

CRÓNICA

A ABERTURA DAS AULAS NO INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E TEOLÓGICAS

O ano lectivo no I.C.H.T. foi inaugurado no dia 8 de Outubro de 1984 com a Assembleia Conjunta reservada estatutariamente para os seus membros e com uma Conferência e Concelebração Eucarística abertas a todos os interessados.

Na Assembleia Conjunta, o Director, depois das saudações da praxe, justificou a sua presença de novo à frente do Instituto, quando segundo o Estatuto Geral não poderia ser reconduzido em virtude de ter completado o segundo mandato, por força de uma decisão da Comissão Permanente que entendeu não dever proceder a modificações enquanto durassem as negociações com a Universidade Católica Portuguesa. Foi ainda devido a esta situação de transição que se evitou introduzir grandes alterações na programação escolar.

A propósito do largo espaço dedicado pelos meios de comunicação social aos reflexos da «Instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação» da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, o Director lamentou o isolamento para que vem sendo relegada a Teologia entre nós, só quebrado quando esta aparece envolta em sensacionalismo ou escândalo. E contudo a Teologia está hoje mais viva do que nunca e é notável o esforço do pensamento e da investigação cristãos para acompanhar as transformações culturais e se renovar sob o impulso das correntes filosóficas, políticas e sociais.

Historiou depois este renascimento e revitalização que se operou, a partir da primeira guerra mundial, por dois caminhos diferentes, quase opostos, o bíblico-patristico e o filosófico-moderno e, depois do Concílio, por diversas orientações, sendo as principais a da «morte de Deus», a da esperança, a da práxis e a da Cruz.

Deste esforço de renovação que a Teologia vem fazendo, ressaltava claramente a vontade de sair do isolamento cultural, para se encontrar aqui e agora onde o homem pensa, espera ou sofre. Ao mesmo tempo que procura a inteligência da Palavra de Deus, o Teólogo quer ser testemunha diante de Deus das questões mais radicais com que se confronta a humanidade de hoje. Não é um homem de gueto, é um homem entre os homens, cuja vida, problemas e cultura quer assumir para os confrontar com a fé. E perante esta tarefa aliciante, o Director exortou os alunos a entregarem-se ao estudo e à investigação com seriedade, empenhamento e entusiasmo.

Em seguida, procedeu-se às eleições para os diversos órgãos de governo e de representação que o Estatuto Geral prevê para assegurar a promoção, a coordenação e direcção da vida académica e comunitária do I.C.H.T.

Em Conselho de Professores foram eleitos como seu Presidente e Secretário, respectivamente, os Dr. Manuel de Pinho Ferreira e Dr. António Maria Bessa Taipa, e

¹⁴ DC, p. 184, n.º 302 e p. 186, n.º 306 e *Revista Lusitana*, vol. 33, Lisboa, 1935, p. 240.

como Directores do Ciclo Propedêutico, do Ciclo Geral e do Ciclo Pastoral, respectivamente, os Dr. António Augusto de Sousa Marques, Dr. Arnaldo Cardoso de Pinho e Dr. Geraldo Coelho Dias.

Os Directores de Ciclo foram depois mandatados pela Comissão Permanente para fazerem parte, como representantes dos professores, da Comissão Directiva, juntamente com o Director, Dr. José António Godinho de Lima, e com os representantes dos alunos, João António Dias Lopes, da Diocese de Vila Real, Jorge Manuel Madureira Soares, da Diocese do Porto e José Manuel Pereira Ribeiro Gomes, da Diocese de Bragança, nomeados pela Comissão Permanente dentre os candidatos propostos pelos Seminários e Residências das Dioceses e Institutos Religiosos, membros ordinários.

Entretanto os alunos escolhiam para fazer parte do Conselho de Alunos, como delegados de Ciclo, Delfim Jorge Esteves Gomes, da Diocese de Bragança (Propedêutico), Jorge Manuel Madureira Soares, da Diocese do Porto (Geral), Luís Manuel Antunes Alves, da Diocese de Portalegre (Pastoral) e como delegados de Curso, José da Rocha Ramos, da Diocese do Porto (1.º ano), Rosa Mary Costa Manso, leiga (2.º ano), Mário Joaquim Rodrigues de Barros Coutinho, da Diocese do Porto (3.º ano), Domingos Alexandre Magalhães, dos Carmelitas (4.º ano), Martinho Lopes Mendonça, da Diocese de Portalegre (5.º ano) e Rubens Humberto Ferreira Marques, da Diocese do Porto (6.º ano). Estes escolheram para seu Presidente e Secretário, respectivamente, Rubens Humberto Ferreira Marques e Luís Manuel Antunes Alves.

Ocorrendo este ano o IV Centenário da morte de Frei Heitor Pinto, grande humanista, teólogo e místico, autor de conceituados comentários aos Profetas e da «Imagem da Vida Cristã», que primam pela elegância do estilo, rigor científico, erudição e preocupação pastoral, entendeu o I.C.H.T. dever assinalar a efeméride e para isso pediu ao Prof. Doutor José Adriano de Freitas Carvalho, da Faculdade de Letras do Porto, para, em sessão alargada ao meio cristão do Porto, proferir uma conferência que seria a primeira lição deste ano lectivo e que vem publicada neste número da Revista. O Dr. Geraldo Coelho Dias, professor de Sagrada Escritura do I.C.H.T., apresentou o Conferente que dissertou sobre «*A ars orandi* de Frei Heitor Pinto e as raízes culturais da *Imagem da Vida Cristã*».

Finalmente o Senhor Arcebispo-Bispo do Porto presidiu a uma solene Concelebração Eucarística em que participaram Professores e Superiores das Residências.

À homilia, o Senhor Arcebispo, aludindo à transformação profunda que as condições da vida do homem sofreram no campo social e cultural, falou da necessidade da inculturação da fé «sem restauracionismo ou antecipações teóricas, sem medo das rupturas provocadas pela secularização».

E explicitou: «Em resumo, trata-se de meter, na enorme variedade dos níveis e nos diferentes raios de acção, o único dinamismo fundamental: a exigência intrínseca de incarnar a fé nas diversas dimensões, individuais e sociais, da vida humana, no seu sentido mais denso e profundo...».

Enquanto muitos predizem a morte da fé e organizam o futuro à margem da religião e da fé «os teólogos estudam as relações entre a fé, a cultura e o futuro e o seu trabalho tem permitido pôr em relevo a esperança cristã e o elemento escatológico da acção salvífica exercida por Jesus Cristo na Sua Igreja, bem como as exigências e o significado das promessas. Não tem estado inactivo o pensamento filosófico e a teologia em relação ao futuro».

Sublinhando que «apesar da força das crises do nosso tempo, aparecem sinais de renovação de sentido cristão da vida entre jovens e adultos e comunidades», concluiu: «Face ao futuro, caminhamos confiadamente para o grande dia de Deus, reflectindo e dizendo com humildade aos nossos irmãos crentes e não crentes, que, como alguém escreveu, o século XXI que aí vem 'ou será religioso ou não será'».

Aludindo à Carta Pastoral dos Bispos Portugueses, que naquele dia era tornada pública e onde é feita a opção de privilegiar a Pastoral da Fé em ordem à renovação da Igreja em Portugal, declarou: «A aposta está lançada, toca-nos a todos, pessoal e institucionalmente. Toca a este Instituto e a quantos nele trabalham que têm uma posição principal nos domínios da pastoral da fé na nossa Igreja do Porto e não só. Não pode ser estafada e rotineira a frase 'a Igreja conta convosco', que é o mesmo que dizer 'Cristo conta convosco'».

J. Godinho de Lima